

Edição v. 42
número 2 / 2023

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 42 (2)
mai/2023-ago/2023

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DOSSIÊ

Letramento digital e midiático na escola:
notas iniciais sobre o papel da educação
para a informação

Digital and media literacy at school:
initial notes on the role of information
education

MARCIO GONÇALVES

FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso)
Colégio Notre Dame (Unidade Ipanema) Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: marciog.goncalves@gmail.com
ORCID: 0000-0001-5773-2139

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

GONÇALVES, Marcio. Letramento digital e midiático na escola: notas iniciais sobre o papel da educação para a informação. Contracampo, Niterói, v. 42, n. 2, p. 01-13, maio/ago.2023.

Submissão em: 14/03/2023. Revisor A: 05/06/2023; Revisor B: 22/06/2023; Revisor C: 14/07/2023. Aceite em: 29/07/2023.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v42i2.57743>

Resumo

Esta pesquisa tem como tema o letramento digital e midiático na escola. O objetivo é relatar os percursos da criação e do desenvolvimento das atividades propostas nos planos de aula sobre letramento digital. No processo metodológico serão usados diários de itinerância e escuta sensível. Os planos de aula estão sendo aplicados pela rede da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP). O texto apresenta reflexões iniciais sobre o desenvolvimento dos planos de aula para o Caderno de Tecnologia 2021, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP). Tais planos fazem parte do programa Inova Educação e estão relacionados ao Letramento Digital.

Palavras-chaves

Letramento midiático; Educação para a informação; Educação midiática; Letramento digital.

Abstract

This research has as main theme digital and media literacy at school. The aim is to report the paths of creation and development of the activities proposed in the lesson plans on digital literacy. In the methodological process, itinerancy diaries and sensitive listening will be used. Lesson plans are being applied by the schools of the Department of Education of the State of São Paulo (Seduc-SP). The text provides initial reflections on the preparation of lesson plans for the Caderno de Tecnologia 2021, of the Department of Education of the State of São Paulo (Seduc-SP). Such lesson plans are part of the Inova Educação program and are related to Digital Literacy.

Keywords

Media literacy; Information education; Media education; Digital literacy.

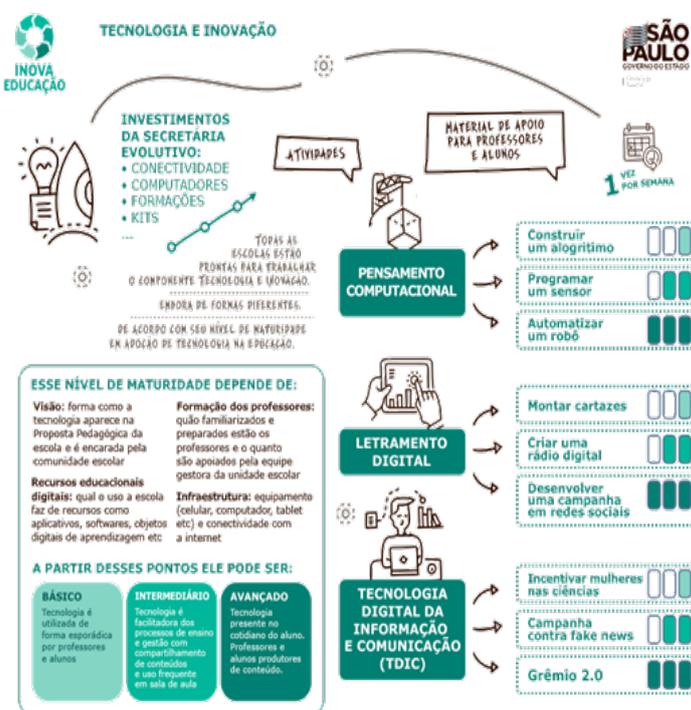
Introdução: raízes do Brasil

Este artigo apresenta reflexões iniciais sobre o desenvolvimento dos planos de aula para o Caderno de Tecnologia 2021, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP). Tais planos fazem parte do programa Inova Educação e estão relacionados ao Letramento Digital, conforme apresentado na Imagem 1, pois é um dos três eixos do componente curricular de Tecnologia e Inovação criado por esta secretaria. Foram produzidos 56 planos de aula com material a ser entregue para o professor e para os estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. O programa Inova Educação beneficia 3.8 mil escolas e 2 milhões de alunos.

Os docentes têm à disposição, no portal da Escola de Formação dos Profissionais da Educação Paulo Renato Costa Souza (EFAPE),¹ todo o material de formação. É possível acessar o Currículo Paulista da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio. Os materiais do Caderno do Aluno, assim como o Caderno do Professor com orientações de como o conteúdo deve ser ministrado, estão disponíveis neste site. A capacitação e a formação de professores para a utilização dos planos de aula estão disponíveis em vídeo. As habilidades de cada disciplina do Currículo Paulista estão mencionadas na EFAPE. Deve-se atentar para a disciplina Tecnologia e Inovação para encontrar o conteúdo referente ao letramento digital e midiático.

Os professores têm aplicado os planos de aula desde o ano de 2021. Os conteúdos que estão nestes planos envolvem temas como: presença digital, identidade virtual, vigilância digital, cidadania digital, desinformação na internet, conceito de verdade etc. As atividades propostas em aula estão relacionadas com a criação e produção de conteúdo em mídias impressas, eletrônicas e digitais.

Imagem 1 – Componente Tecnologia e Inovação do programa Inova Educação da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo



Fonte: Portal da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo

1 Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

Entende-se que a educação para o uso da informação e das mídias permite que as pessoas compreendam a importância de expressar seus pensamentos com responsabilidade e ouvir a opinião das outras com respeito. Ler criticamente, escrever com responsabilidade e participar ativamente formam uma trilha capaz de conduzir os educadores em propostas de aulas que orientam os estudantes ao pensamento crítico, diante da variedade de informações que chegam até eles.

O papel da escola no letramento digital e midiático

No contexto da escola, Trilling e Fadel (2009, p. 64) afirmam que nossos alunos do século 21 precisam adquirir habilidades para acessar, avaliar, usar, gerenciar e aumentar a riqueza de informações e de mídia que eles agora têm em mãos. Estes mesmos autores destacam que estes alunos terão um poder sem precedentes para ampliar sua capacidade de pensar, aprender, comunicar, colaborar e criar. Mas esse poder de produção deve vir junto da necessidade de aprender as habilidades apropriadas para lidar com grandes quantidades de informações, mídia e tecnologia (TRILLING e FADEL, 2009, p. 64). Sabe-se que os jovens estudantes são mediados pelos aparatos tecnológicos e pela comunicação das mídias. Mas é preciso reflexão e pensamento crítico no uso adequado da informação na hora de consumi-la ou produzi-la. Conforme apresentam Fantin e Girardello (2020, p. 41), os cenários culturais das infâncias contemporâneas, fortemente marcados pela relação com as mídias, são especialmente desafiadores.

Trilling e Fadel (2009, p. 65) indicam três pontos principais que fazem parte dos conhecimentos e das habilidades do século 21. Eles referem-se ao letramento informacional, ao letramento midiático e ao letramento em tecnologias de informação e comunicação. Esta pesquisa, vale destacar, se aproxima do letramento midiático que, para os autores, por conta dos alunos deste século estarem cercados por mídia digital, é preciso que estes jovens entendam como aplicar os recursos de mídia disponíveis para a aprendizagem e usem ferramentas de criação de mídia para criar produtos de comunicação atraentes e eficazes, como vídeos, podcasts e sites.

Em relação ao desenvolvimento de equipamentos e suportes de mídias, telas de todos os tamanhos se tornarão os meios predominantes pelos quais recebemos informações e entretenimento. Os monitores de computador estão se fundindo com as televisões. Smartphones fundem-se com tablets. Tudo estará conectado à internet o tempo inteiro. Haverá possibilidade de uso de vários meios simultaneamente (PARRY, 2012, p. 358-359).

Segundo Trilling e Fadel (2009, p. 65), dentre essas habilidades em letramento midiático, imagina-se que os alunos sejam capazes de:

- i) analisar mídia;
- ii) compreender como e porque as mensagens da mídia são construídas e com quais propósitos;
- iii) examinar como os indivíduos interpretam as mensagens de forma diferente, como os valores e pontos de vista são incluídos ou excluídos e como a mídia pode influenciar crenças e comportamentos;
- iv) aplicar um entendimento fundamental das questões éticas e legais que cercam o acesso e uso da mídia;
- v) criar produtos de mídia;
- vi) compreender e utilizar as ferramentas, características e convenções de criação de mídia mais adequadas e
- vii) compreender e utilizar eficazmente as expressões e interpretações mais adequadas em ambientes diversos e multiculturais.

Lévy (2000, p. 179) já apontava uma necessidade de toda a política de educação levar em consideração este novo suporte de informação e de comunicação em que emergiram “gêneros de conhecimentos extraordinários, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos protagonistas

na produção e tratamento dos conhecimentos”. As mudanças na educação e na economia do saber indicam, por exemplo, que o docente teria uma atividade mais centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens passando a ser um piloto personalizado dos trajetos da aprendizagem (LÉVY, 2000, p. 184).

Barbosa Filho e Castro (2008, p. 95) indicam que é preciso pensar a comunicação e a educação para os meios como um direito humano e que o ensino e o debate sobre comunicação devem começar na educação primária, passando pela secundária e continuar na universidade. Segundo os autores, trata-se de um debate que, “se inicialmente começa em sala de aula, deve se multiplicar dentro de casa, entre os colegas, no trabalho e na rua, sem se restringir aos estudantes ou profissionais da comunicação e educação”.

Gabriel (2013, p. 111) indica mudanças no papel do professor. Ela sugere que saia o professor-conteúdo/tamanho-único e entre o professor-interface/flexível. “O professor-conteúdo tende a esgotar a disciplina em si próprio, em suas limitações”. Ele funciona como uma janela pré-programada pela qual os alunos veem o mundo limitado. No caso do professor-interface/flexível ele “funciona como uma porta, que apesar de estar fixa e limitada no mesmo lugar, abre-se aos alunos para que a atravessem e atinjam o mundo sem limitações”.

O atual ambiente de informação recobre e mistura vários saberes e formas muito diversas de aprender. Essa dinâmica, ao mesmo tempo, encontra-se fortemente descentralizada em relação ao sistema educativo vigente que ainda é organizado em torno da escola e do livro (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 56). A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. A diversificação e a difusão do saber, fora da escola, são os dois desafios mais fortes que o mundo da comunicação propõe ao sistema educativo (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 57).

Nas palavras de Morin, quando ele pensa no modo de agir do educador, “a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito” (MORIN, 2003, p. 11). A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre (MORIN, 2003, p. 11). Na educação, trata-se de transformar as informações em conhecimento, de transformar o conhecimento em sapiência (MORIN, 2003, p. 47).

Morin completa que a educação deve contribuir para a auto-formação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional (MORIN, 2003, p. 65). Quando se pensa na nova geração de jovens aprendizes, Lima, Pretto e Ferreira (2005, p. 251) concluem que na sua maneira de ser, de se relacionar, de agir, apresenta grandes desafios aos comunicadores e educadores, exatamente pela potencialidade de ser uma geração questionadora.

Um dos desafios do momento é ampliar, reconhecer e favorecer distintos espaços de aprendizagem, reconhecer os novos ecossistemas educacionais e identificar diferentes locais de produção da informação e do conhecimento, de criação e reconhecimento de identidades, práticas culturais e sociais. Daqui para frente, de caráter presencial e/ou virtual, de educação sistemática e assistemática, no qual diversas linguagens são trabalhadas e a pluralidade de sujeitos interaja, seja de modo planejado ou com caráter mais livre e espontâneo (CANDAU, 2007, p. 11).

O jornalista, o comunicador, o produtor, o publicitário, o cineasta, o artista multimídia, o professor, entre outros profissionais que lidam com a informação como matérias-primas de seu trabalho têm que aprender a disseminar a informação da melhor maneira possível (FERRARI, 2014, p. 8). Esse ponto ganha mais destaque quando se compreende o momento atual, conforme pontua Santaella:

Propiciada, entre outros, pelas mídias digitais, a revolução tecnológica que estamos atravessando é psíquica, cultural e socialmente muito mais profunda do que foi a invenção do alfabeto, do que foi também a revolução provocada pela invenção de Gutemberg. É ainda mais profunda do que foi a explosão da cultura de massas, com os seus meios técnicos mecânico-eletrônicos de produção e transmissão de mensagens. Muitos especialistas em cibercultura não têm cessado de alertar para o fato de que a revolução teleinformática, também chamada de revolução digital, é tão vasta a ponto de atingir proporções antropológicas importantes, chegando a compará-la com a revolução neolítica. Para se ter uma ideia das consequências trazidas por essa revolução, basta dizer que a nova ordem econômica, social e cultural mundializada não seria possível sem ela (SANTAELLA, 2013, p. 389).

Refletir sobre as mídias sob o ponto de vista da educação é admiti-las enquanto produtoras de cultura. É também admitir que a cultura das mídias, suas técnicas e conteúdos veiculados pelos programas de TV, pelas músicas que tocam no rádio ou mensagens da internet, nas suas mais variadas formas, ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir enquanto sujeitos, indivíduos e cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas (SETTON, 2010, p. 13). Para Girardello (2005), a “cultura das mídias assume um papel cada vez mais importante nesse processo, até porque ela permeia as demais situações – familiares, escolares e sociais – por onde a criança transita”.

Este cenário é parte da cultura digital que começa a se estabelecer com a popularização da internet no Brasil, a partir de 1995, e o avanço das mídias digitais e das redes sociais. Conforme descreve Jenkins (2009), se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. O paradigma da revolução digital alegava que os novos meios de comunicação digital mudariam tudo. Após o estouro da bolha pontocom, a tendência foi imaginar que as novas mídias não haviam mudado nada. A convergência altera a relação com as tecnologias, mercados, indústrias, gêneros e públicos, o modo de operação das indústrias midiáticas e a maneira em que os consumidores processam e interpretam a informação e o entretenimento. Ela também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias, através dos relacionamentos, da vida, memórias, fantasias, entre outros.

Educação para a informação e para as mídias

As mídias são “consideradas um sistema de símbolos com linguagem própria, distinta das demais matrizes de cultura (imagem, som, texto, e a mistura de todos eles) que compõem o universo socializador do indivíduo contemporâneo” (SETTON, 2010, p. 13). O conceito de mídia é abrangente e se refere aos meios de comunicação massivos dedicados, em geral, ao entretenimento, lazer e informação – rádio, televisão, jornal, revista, livro, fotografia e cinema. Além disso, engloba as mercadorias culturais como a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, smartphones, DVDs, CDs, TV a cabo ou via satélite, e, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações – computadores e redes de comunicação (SETTON, 2010, p. 13).

Como, por exemplo, o acesso às mídias pode tencionar o letramento midiático de fora para dentro da sala de aula? A resposta pode estar no verdadeiro sentido que deve ter entre as práticas cotidianas e as estratégias de ensino quando estas se complementam. Mas, para compreensão deste cenário pelos docentes, famílias e escolas, é importante estar atento à diversidade de conteúdos de mídias às quais as crianças estão submetidas atualmente.

Imagem 2 – Convergência entre mídias e os gêneros textuais e digitais



Fonte: Produzido por Gonçalves (2020) com apoio técnico de Karla Vidal

Toda essa hibridização de tecnologias e linguagens vem sendo chamada de convergência das mídias, explica Santaella (2004, p. 48). Neste sentido, as mídias impressas, eletrônicas e digitais estão integradas em suportes midiáticos diversos e englobam gêneros textuais e digitais, conforme indica a imagem anterior do quadro 1. Para a educação atual faz muito sentido compreender os traços definidores fundamentais da hipermídia, conforme apontado por Santaella (2004, p.47-52):

- i) hibridização das linguagens;
- ii) capacidade de armazenar informação;
- iii) cartograma navegacional e
- iv) linguagem interativa.

Parte-se deste contexto de convergência de mídias e de hipermídia para começar a entender a complexidade do cenário e de poder levar a mídia para o contexto escolar. Setton (2010), à época de sua pesquisa, ainda não vislumbrava os aplicativos para smartphones ou as lives do streaming, pois estes recursos também comunicam informações. De qualquer forma, a pesquisadora já reconhece as mudanças quando diz que:

As maneiras pelas quais interagimos e nos adaptamos ao mundo, as maneiras pelas quais orientamos nossas práticas cotidianas, as formas de perceber o outro e a nós mesmos mudaram a partir da presença constante das mídias em nossas vidas. Por exemplo, hoje as crianças têm acesso desde muito pequenas a uma variedade de informações disponíveis nos desenhos animados, nas embalagens de produtos alimentícios ou na publicidade. Informações, apelos de consumo, modelos e estilos de vida veiculados pelas mensagens de uma indústria da cultura que compõem o imaginário e a vida prática de todos (SETTON, 2010, p. 23).

O aprendizado das gerações atuais se realiza pela articulação dos ensinamentos das instituições tradicionais da educação – família e escola (entre outras) – com os ensinamentos das mensagens, recursos e linguagens midiáticas. A educação contemporânea está vivendo um conjunto de transformações que

influenciam a natureza de nossas relações pessoais e sensibilidade e, conseqüentemente, “passam a condicionar as instituições que regulam nosso aprendizado, nossa formação cognitiva, afetiva, psicológica, portanto, nossas percepções sobre o mundo” (SETTON, 2010, p. 24). É importante notar, porém, que pelo menos desde os anos 1990 reflete-se sobre o uso das tecnologias da informação, representadas pelas mídias rádio, televisão, jornais alternativos, entre outras, como forma de engajamento da juventude em temáticas relevantes ao exercício da cidadania e da educação. De acordo com Ferrés e Piscitelli (2015, p. 5), a “competência midiática confronta, portanto, essa complexidade, combinando potencial oferecido pela cultura participativa com o desenvolvimento da capacidade crítica”.

Imagem3 – Modelo SECTIONS para Seleção de Mídias



Fonte: BATES (2017, p. 313)

Mas ainda há falta de orientação quanto ao uso de mídias na escola. Considerando, sobretudo, o cenário brasileiro, é importante ter em mente que nada adianta a adoção de tecnologias e mídias se não houver planejamento com os interesses pedagógicos e educacionais com estes usos. Neste sentido, um modelo que auxilie em tomadas de decisão nas escolhas e nos usos de mídias no ensino e na aprendizagem é apresentado por Bates, no esquema anterior (2017, p. 313).

O modelo usado é SECTIONS, acrônimo de:

- a) students (alunos);
- b) ease of use (facilidade de uso);
- c) costs (custos);
- d) teaching functions (funções de ensino);
- e) interaction (interação);
- f) organisational issues (questões organizacionais);
- g) networking (rede);
- h) security and privacy (segurança e privacidade).

SECTIONS surge como um modelo capaz de orientar professores e gestores da educação nas

escolhas mais acertadas das mídias. O lado bom do modelo é saber que os alunos estão em primeiro lugar. As funções de ensino também estão lá presentes para guiar os objetivos pedagógicos. As mídias, portanto, como recurso pedagógico é a educação com a mídia. Gonçalves (2018), destaca que a abertura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o campo jornalístico-midiático possibilita o desenvolvimento de muitas atividades de leitura na escola: entrevista, reportagem, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlogue noticioso, vlogue cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, entre outros). Pode-se ir além, pensando em gêneros mais complexos relacionados com a apuração e o relato de fatos e situações: reportagem multimídia e documentário, por exemplo.

A mídia como forma de expressão também é possível se pensada na educação pela mídia. As propostas de trabalho sugeridas pela BNCC, para o Ensino Médio, devem possibilitar aos estudantes o acesso a “saberes sobre o mundo digital e as práticas da cultura digital” (Brasil, 2018). Os exercícios para alcançar essa reflexão na escola devem também ser priorizados, já que impactam o dia a dia do estudante nos vários campos de atuação social. A geração que terá contato com esse ensino poderá desenvolver competências para encarar muitas das questões oriundas e/ou ressaltadas neste universo digital: a profusão de notícias falsas (fake news), de pós-verdades e de discursos de ódio nas mais variadas instâncias da internet e demais mídias (GONÇALVES, 2018).

A mídia como objeto de estudo também é possível em uma educação para a mídia. O que os jovens e a sociedade em geral podem ganhar com essas propostas? No mínimo é formar estudantes com visão crítica, ética e estética. Além da parte estrutural e arquitetônica dos sistemas de informação, que possibilitará o aluno não somente explorar interfaces técnicas (como a das linguagens de programação ou de uso de ferramentas e aplicativos variados de edição de áudio, vídeo, imagens, de realidade aumentada, de criação de games, gifs, memes, infográficos etc.), poder desenvolver interfaces éticas que lhes permitam tanto trilhar e curar informações como produzir o novo com base no existente, será um grande ganho para o jornalismo e toda a população que não teve a chance de aprender tudo isso na escola (GONÇALVES, 2018).

Morin (2020), em entrevista, responde se o professor deve buscar sempre o trabalho interdisciplinar:

Ele deve ter consciência da importância de sua disciplina, mas precisa perceber também que, com a iluminação de outros olhares, vai ficar muito mais interessante. O professor pode procurar ter essa cultura menos especializada, enquanto não existir uma mudança na formação e na organização dos saberes. O professor de Literatura precisa conhecer um pouco de história e de psicologia, assim como o de Matemática e o de Física necessitam de uma formação literária. Hoje existe um abismo entre as humanidades e as ciências, o que é grave para as duas. Somente uma comunicação entre elas vai propiciar o nascimento de uma nova cultura, e essa, sim, deverá passar a formação de todos os profissionais (MORIN, 2020, online).

As ocasiões e os espaços em que se transmitem os saberes mudaram. Nesse sentido, Setton insiste que “é justo pensar que as formas de lidar com o conhecimento e a informação já não sejam as mesmas, bem como as formas de lidar com as autoridades transmissoras do saber passaram por profundas transformações” (SETTON, 2010, p. 111). Entende-se que as mídias têm potencial para se tornarem grandes aliadas no processo de adaptação do sistema de ensino para a sociedade da informação e do conhecimento. Menegali situa esse cenário quando diz que:

No Brasil, o uso de recursos midiáticos na educação acompanha o desenvolvimento desse novo modelo de sociedade, porém seu uso sempre foi pontual, apenas como recurso para mero auxílio e não como parte integrante do processo de ensino-

aprendizagem. Pode-se dizer que foi a partir dos anos 2000, com a IV Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, apoiada pela UNESCO e realizada no Rio de Janeiro, que a demanda pela aproximação entre pesquisadores, mídia educadores, produtores e professores no campo da Mídia-Educação obteve maior amplitude e novos rumos; ainda estamos longe, entretanto, de usar todo o potencial que esse recurso tem a oferecer (MENEGALI, 2019, p. 5).

Ao longo da pesquisa quer-se avaliar dois outros estudos já iniciados quando o assunto é mídia e educação: a aprendizagem multimídia e a aprendizagem baseada em mídias. A aprendizagem multimídia ocorre quando o aluno usa informação presente em dois ou mais formatos para construir o conhecimento (MAYER et. al., 2004, p. 389). É o aprendizado por meio de textos e imagens. Os textos podem ser escritos ou falados enquanto imagens podem ser estáticas (fotos, ilustrações, gráficos, mapas etc.) ou dinâmicas (animações, vídeos etc.).

Com a aprendizagem baseada em mídias é possível levar em consideração os desejos e as dificuldades individuais de cada estudante (GIESSEN, 2016, p. 42). Essa aprendizagem adiciona valor ao ensino e amplia o engajamento do aluno nas tarefas (SIMKINS et. al., 2002, p. 6). A produção multimídia hoje não é mais apenas para especialistas que trabalham nos campos do jornalismo, televisão, internet e mídia social. Vive-se em uma cultura participativa, onde todos esperam cada vez mais compartilhar e contribuir com nosso conhecimento com os outros. Em um mundo de interconexão global e de rápidas mudanças, é possível ser um aprendiz pelo resto da vida (HOBBS, 2017, p. 6). Neste sentido, Buckingham (2007, p. 293) acredita que a chave de todo este processo é mesmo a educação, pois as instituições educacionais têm papel vital para tornar o acesso das crianças mais igualitário, tanto às tecnologias de mídia como ao capital cultural necessário para usá-las da forma mais produtiva.

Metodologia

O programa Inova Educação beneficia 3.8 mil escolas e dois milhões de alunos. A proposta deste projeto é um estudo que contará os percursos de criação dos planos de aula e fará a narrativa das experiências da construção do programa em letramento digital proposto pela Secretaria da Educação do Governo de São Paulo. Quer-se acompanhar o uso dos planos de aula pelos professores para perceber se as atividades propostas levaram os estudantes a uma aprendizagem ativa utilizando os recursos de mídia inseridos nos objetivos educacionais.

A pesquisa é constituída por duas fases: a fase I é relativa a leituras sobre aprendizagem ativa e quaisquer outras indicadas ao longo do estágio pós-doutoral pelo orientador. A fase II é acompanhar os resultados das atividades propostas no Caderno de Tecnologia e Educação 2021 que será adotado pelas escolas. Neste processo será usado o que Barbier (2007, p. 133) chama de diários de itinerância, que é uma técnica de pesquisa para desenvolver pesquisa-ação e que registra as vivências no campo empírico ao longo da coleta de dados.

Além disso, a escuta sensível, que se apoia na empatia, é outra técnica de Barbier (2002, p. 2) a ser utilizada. “O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos” (BARBIER, 2002, p. 2). A partir da escolha dos professores da rede estadual de ensino que estiverem fazendo uso dos planos de aula, será indicado que sejam feitas anotações em formato de blocos de apontamentos a partir do que estão vivenciando ao longo do planejamento da aula, da aplicação da mesma e do término das dinâmicas de ensino.

Resultados

O objetivo geral da pesquisa é acompanhar o desenvolvimento das atividades propostas nos planos de aula que envolvem o letramento digital e midiático. Entre os objetivos específicos estão: descrever as práticas que os estudantes estão realizando a partir dos planos de aula no Caderno de Tecnologia 2021 criados para a Secretaria da Educação do Governo de São Paulo; identificar as competências e habilidades apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que demandam o estudo de conceitos da educação midiática que oferecem a oportunidade de aplicação de suas práticas; perceber como os professores das escolas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo estão trabalhando para atender ao campo jornalístico-midiático estabelecido pela BNCC; e compreender como as questões relativas ao ritmo da cultura das mídias colaboram para a formação do jovem e do educador contemporâneo utilizando o programa Inova Educação, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, do componente Tecnologia e Inovação, como estudo de caso.

Quadro 1 – Aulas de educação midiática

	1º bimestre		2º bimestre		3º bimestre		4º bimestre		
	Ano	Tema de aula	Ano	Tema de aula	Ano	Tema de aula	Ano	Tema de aula	
Ensino Fundamental 2	6º ano	Aula 1: Presença Digital	Aula 1: Influenciadores Digitais	Aula 1: Comunicação Social na escola	Aula 1: Leituras de mensagens visuais ou audiovisuais	Aula 2: Pegadas Digitais	Aula 2: Conteúdo Patrocinado	Aula 2: Produção de conteúdo com mídias digitais	Aula 2: Curadoria de imagens na internet: outros modos de ler e escrever
		Aula 1: Vigilância Digital	Aula 1: O que sabemos sobre fake news?	Aula 1: Fontes e recursos confiáveis de informação	Aula 1: Um tema e vários fatos	Aula 2: Público e Privado	Aula 2: Curtidas, comentários e compartilhamentos	Aula 2: Do planejamento à publicação	Aula 2: Repensando e reescrevendo uma notícia
	7º ano	Aula 1: Cidadania Digital	Aula 1: Construção de opinião e influenciadores digitais	Aula 1: Informação, fato e notícia	Aula 1: Autoria na diversidade de mídias	Aula 2: Cidadania e Direitos do Cidadão Digital	Aula 2: Informação e desinformação	Aula 2: Cibercultura e responsabilidade social	Aula 2: Jornalismo cidadão
		Aula 1: Identificação de fontes seguras	Aula 1: Influência social, conteúdo e marcas	Aula 1: Redes sociais e causas ambientais	Aula 1: Posicionamento ético e crítico na internet	Aula 2: Blogs e jornalismo	Aula 2: Inteligência Coletiva	Aula 2: Processo criativo na produção de mídias	Aula 2: Gêneros digitais: múltiplas linguagens e expressões na internet
	8º ano	Aula 1: O que são mídias e como eu me relaciono com as pessoas na internet?	Aula 1: Quem escolhe o que eu vejo?	Aula 1: Averiguando as informações	Aula 1: Memes: Origem, significado e análise	Aula 2: O que é uma prática ética na mídia?	Aula 2: Narrativas publicitárias e a Retroalimentação do nosso Imaginário	Aula 2: Planejando a produção de um podcast	Aula 2: Roteirizado e criando memes
		Aula 1: Sociedade e narrativas da realidade: o papel do jornalismo	Aula 1: Expressões da desinformação: preconceito e discurso de ódio	Aula 1: Informação confiável	Aula 1: O universo virtual e o uso da imagem	Aula 2: Apurando informações: o que contar sobre a realidade?	Aula 2: Essa mensagem é positiva? Vamos refletir!	Aula 2: Planejamento e produção de vídeo	Aula 2: Recepção dos conteúdos midiáticos nas redes
	9º ano	Aula 1: Mídias e transformação social: como criar um veículo de comunicação	Aula 1: Como o jornalismo pode amplificar um tema	Aula 1: Curadoria e a busca de fontes confiáveis	Aula 1: Comunicação e mídias: resgate conceitual	Aula 2: Mídias alternativas e comunitárias e sua presença na web	Aula 2: Praticando como o Jornalista	Aula 2: Produção de conteúdo para as redes sociais	Aula 2: Abordando o universo da comunicação

Fonte: Produzido pelo autor

As aulas, que foram produzidas por uma equipe de consultores, já foram entregues à Secretaria da Educação do Estado do Governo de São Paulo. O quadro 2 apresenta um panorama dos conteúdos que foram produzidos por estes profissionais. Entre estes está o autor deste relato, que foi prestador de consultoria educacional para a instituição parceira contratada pela Seduc-SP. As fases de acompanhamento devem seguir adiante para que os objetivos citados anteriormente possam ser alcançados.

Considerações parciais

Por que unir o universo escolar e o midiático? Por que defender uma criação e produção de conteúdo com mídias digitais? Quais competências e habilidades estão sendo demandadas dos educadores para conseguir lidar com jovens contemporâneos e aqueles que virão mais adiante? Quais valores são adicionados ao ensino quando um educador adota uma camada de educação midiática nas aulas? Essas perguntas são norteadoras para conseguir entender a importância de falar em iniciativas que valorizem a criação e produção de conteúdo com mídias digitais por meio de uma camada de atividades e práticas

informativas midiáticas aplicadas interdisciplinarmente em quaisquer níveis da educação.

Entende-se que hoje há uma grande produção de informação e a consequente pulverização de autores na web. Formar um cidadão global capaz de discernir fontes, checar fatos, criticar conteúdo e saber reconhecer as técnicas de produção destas informações é uma necessidade constante de professores mundo afora. A grande questão aqui é conseguir despertar consumidores em produtores de informação e, com isso, garantir que o pensamento crítico aconteça uma vez que, dominando a técnica de produção, isso garanta que o consumo de informação não fique apenas no nível da alienação.

Por que falar sobre mídias na escola é importante? Porque a escola tem a missão de ajudar a diminuir as desigualdades entre os que têm e os que não têm acesso às mídias e às informações. É porque, também, as mídias fazem parte do dia a dia das crianças e dos jovens e a escola não deve estar desconectada dessa realidade. Entende-se que os alunos precisam desenvolver habilidades e competências para lidarem com o mundo conectado. A construção do pensamento crítico e da cidadania estão ligados aos universos digital e midiático.

Referências

BATES, Tony. **Educar na era digital**: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liberlivro, 2007.

BARBIER, René. **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde**. Conferência na Escola Superior de Ciências da Saúde, X Ciclo de Palestras com Egressos, Universidade de Brasília, 2002.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. **Comunicação digital**: educação, tecnologia e novos comportamentos. São Paulo: Paulinas, 2008.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Edições Loyola, São Paulo: 2007.

CANDAU, Vera Maria. Construir ecossistemas educativos: reinventar a escola. In: CANDAU, Vera Maria (Org.) **Reinventar a escola**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 11-16.

FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. Cenários de pesquisa com e sobre crianças, mídia, imagens e corporeidade. In: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka (Orgs.). **Trajetórias inventivas de pesquisa em educação contemporânea**: infância, comunicação, cultura e arte. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 40-77.

FERRARI, Pollyana. A web somos nós. In: FERRARI, Pollyana (Org.) **Hipertexto, hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2014. p. 7-12.

FERRÉS, Joan.; PISCITELLI, Alejandro. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, v. 9, n. 1, p. 1-16, 2015. Disponível em: <https://cutt.ly/xfGHhpj>. Acesso em: 9 ago. 2023.

GABRIEL, Martha. **Educ@r**: a revolução digital na educação. São Paulo: Saraiva: 2013.

GIESSEN, Hans W. The medium, the content, and the performance: an overview on media-base learning. In: KHAN, Badrul H (Ed.). **Revolutionizing modern education through meaningful e-learning implementation**. Hershey, PA, USA: IGI Global, 2016. p. 42-55.

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à internet. **Teias**, ano 6, n. 11-12, p. 112, jan./dez. 2005.

GONÇALVES, Marcio. Jornalismo Digital chega ao Ensino Médio com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular. **Portal Imprensa**, São Paulo, 13 dez. 2018. Disponível em: <http://portalimprensa.com.br/imprensa+educa/conteudo/81389/opinio+o+jornalismo+digital+chega+ao+ensino+medio+com+a+aprova+cao+da+base+nacional+com+curricular+por+marcio+goncalves>. Acesso em: 15 ago. 2020.

GONÇALVES, Marcio. Aprendizagem Multimídia com muita mão na massa. **Amplifica**, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.amplifica.me/aprendizagem-multimidia/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

HOBBS, Renee. **Create to learn: Introduction to Digital Literacy**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Maria de Fátima et. al. Mídias digitais e educação: tudo ao mesmo tempo agora o tempo todo. In: BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Orgs.). **Mídias Digitais: convergência tecnológica e inclusão social**. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 225-255.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidade, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Mediatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MAYER, Richard et al. A personalization effect in multimedia learning: Students learn better when words are in conversational style rather than formal style. **Journal of Educational Psychology**, v. 96, n. 2, p. 389-395, 2004.

MENEGALI, Camila. Metodologias Ativas e Mídias do Conhecimento no contexto educacional. **Anais do III Simpósio Ibero-americano de Tecnologias Educacionais**, Universidade Federal de Santa Catarina, 4 a 6 de junho 2019.

MORIN, Edgard. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgard. O verdadeiro papel da educação. **Prosa, Verso e Arte**, 13 abr. 2022. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-verdadeiro-papel-da-educacao-edgar-morin/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PARRY, Roger. **A ascensão da mídia: a história dos meios de comunicação de Gilgamesh ao Google**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIMKINS, Michael et al. **Increasing student learning through multimedia projects**. Virginia: ASCD, 2002.

TRILLING, Bernie; FADEL, Charles. **21st century skills: learning for life in our times**. San Francisco: Jossey-Bass, 2009

Marcio Gonçalves é bacharel em Jornalismo, licenciado em Comunicação Social, pós-graduado em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública, especialista em Gestão de Negócios em Instituições de Ensino Superior, mestre e doutor em Ciência da Informação. É professor universitário e também atua no Ensino Médio. Atualmente, é acadêmico de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e faz estágio de pós-doutoramento na PUC-SP, no programa Tecnologias da Inteligência e Design Digital.